

## CORREÇÃO DE ROTA

## Proposta "de vanguarda" provoca solidão

*FH se considera na liderança de um processo social, político e econômico, mas reconhece limites, como a fragilidade de seu partido e a dificuldade em obter a lealdade do PFL para aprovar a reforma do Estado*

**B**RASÍLIA — "A vanguarda está sempre sozinha" — era esse, antigamente, o consolo do revolucionário politicamente isolado. O presidente Fernando Henrique Cardoso não é (nunca foi) um revolucionário no sentido que Lênin atribuiu ao termo, na virada do século, mas se considera na vanguarda de um processo social, político e econômico difícil de explicar no final do milênio. Processo que o condena, se não ao isolamento, pelo menos a um certo descompasso em relação às instituições políticas e organizações sociais em vigor.

O presidente pode discorrer sobre o tema durante mais de uma hora sem usar uma única vez o vocabulário marxista, mas paga um tributo ao raciocínio dialético ao analisar seu futuro político: "O novo sempre nasce do velho." E ele é capaz de diagnosticar com preci-

são o que seria velho no Brasil de hoje: a Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) convocando uma greve maluca, as elites políticas clientelistas, a esquerda petista, o sindicalismo cutista e sua contrafação carente de caráter, a Força Sindical, entre outros.

**Espalhada** — Já a novidade não possui contornos definidos: estaria no PSDB, em dose menor do que o desejável, mas também pulsaria em setores do PFL, do PMDB e de alguns inquilinos da esquerda. Não é o caso de construir uma legenda da nova ordem — ele já participou de uma empreitada desse tipo e não se anima a entrar em outra. Diante do desafio, o presidente se curva às realidades regionais, que julga determinantes do quadro partidário.

Recorda a estratégia que defendeu no combate ao regime militar.

Ao contrário dos que desejavam "quebrar a espinha" do Estado autoritário, o professor Fernando Henrique Cardoso propôs cercar o mesmo Estado com uma nova vontade, de forma a atrair parte do poder e, ao final, todo ele. Tancredo Neves venceu depois de atrair parte dos conservadores. Romper com eles, em nome da pureza, ou peitar o Congresso Nacional, seria repetir Jânio Quadros ou Fernando Collor. "E aí você cai", diz o presidente ao espelho.

Fernando Henrique reconhece, com honestidade intelectual e política, que sua ascensão ao poder decorreu de uma tremenda coincidência histórica. Sabe que não chegou lá somente por suas próprias virtudes nem pelas de seu partido. A cara do PSDB, aliás, nunca foi a dele, mas a do governador Mário Covas, para quem redigiu, com José Serra, um discurso — "Choque de capitalismo" — que fez sucesso na campanha presidencial de 1989, mas acabou arquivado pelo então candidato.

O discurso de Covas chegou lá, mas num acidente de percurso. Com cinco anos de atraso, mas na voz do autor. A coisa deveria ter começado nos tempos de Collor, aquele que percebeu a mudança, abriu uma nova agenda, mas foi irresponsável: arrebentou com tudo sem construir um novo modelo. E que modelo seria esse? Ao certo, ninguém sabe, mas as linhas básicas incluem o reconhecimento da globalização dos mercados e uma revisão do Estado.

**Limitações** — "Se você perguntar a um determinado líder sertanejo se ele acredita na economia de mercado, ele vai responder que sim, e isso é ótimo", ensaia Fernando Henrique. "Mas se você defender o Estado como regulador do mercado, não clientelista, o mesmo líder vai ratear." Eis aí um dos limites da ação política do presidente: conta com os sertanejos do PFL para abrir a economia do País, mas essa lealdade não é unânime para reformar o Estado e os serviços públicos.

Outro limite está na fragilidade de seu próprio partido. Fernando Henrique gostaria que o PSDB tivesse mais consistência política e ideológica do que parlamentar. Melhor um partido de combate do que uma legenda para aparelhar o Congresso. Menos peso e mais conteúdo é sua receita para tuca-

nos afoitos. Cozinheiro paciente, ele espera que as forças sociais emergentes da globalização colaborem para aviar a receita.

**Sem radicalismo** — Guinadas à direita (como se ainda fosse possível) ou à esquerda (que considera reativa e falida por falta de propostas) não estão nos planos do presidente. Nada antes que se consolide um novo ambiente político, no rastro da estabilização da economia e da substituição de seus agentes moribundos por uma nova raça, de sangue globalizado.

Fernando Henrique se irrita particularmente diante de números sobre desemprego. Sustenta que eles partem da versão brasileira de Detroit (a Fiesp), um enclave que não representa as dimensões continentais do País: Se as coisas vão mal no ABC-Detroit, a paisagem não é má no Nordeste, para onde se transfere a indústria calçadista, ou em Minas Gerais, novo regaço dos têxteis, segundo números levados a ele pelo ministro da Indústria, do Comércio e do Turismo, Francisco Dornelles.



**D**EFEITOS O GOVERNO TEM, MAS NÃO SÃO OS APONTADOS

**Atraso** — Para cada posto de trabalho desaparecido Fernando Henrique dirá que foi aberto outro, formal ou informalmente, em ambiente mais competitivo. Não liga para resmungo de empresário cevado em fundos do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES): "São a vanguarda do atraso." Aos que fazem do desemprego uma indústria, incapazes de competir, o presidente reserva três palavras em latim de missa: "Requiescat in pace" — "descansem em paz".

Enquanto a moeda permanecer estável, ele terá resposta para todas as críticas, ou melhor, para todos os críticos. O presidente tende a acreditar que inventam defeitos para atacar seu governo. "Defeitos o governo tem, mas não são os que apontam", assegura, como quem propõe um enigma.

Além de dar voz aos setores ultrapassados pela História, os ataques revelam, para Fernando Henrique, uma nova tendência: superado o modelo clássico da luta de classes, o Estado da ganância e do déficit transformou-se no alvo de todos, posto que os outros perderam visibilidade.

Paciência, portanto: a vanguarda está sempre sozinha. (R.A.)